

JUVENTUDE COOPERATIVA

***Roberto Rodrigues**

O dia internacional do cooperativismo que se celebra anualmente no primeiro sábado do mês de julho tem este ano um dos temas mais instigantes: juventude. E ele vem a calhar: no próximo ano será comemorado pela ONU o Ano Internacional do Cooperativismo, graças a um trabalho de convencimento muito bem executado pela ACI, desde Genebra.

Porque vem a calhar? Se a própria ONU consagra 2012 ao movimento cooperativista, está aí explicitado o entendimento daquela instituição mundial de defesa da paz, sobre o papel da doutrina neste elemento básico para a felicidade universal. E, sendo assim, a ONU reconhece que este papel deve ser perenizado, caso contrário não estaria prestando tal homenagem. Ora, não há movimento perene sem a inserção da juventude nele, única garantia de continuidade. Daí a ligação entre os dois eventos, o da ACI e o da ONU.

Muitas cooperativas em todo o mundo e também no Brasil criaram comitês de jovens, preocupadas com a formação adequada de recursos humanos para o movimento. E a OCB, nosso órgão máximo de representação, vem há anos trabalhando o “Coperjovem”, instrumento formal para o treinamento doutrinário de estudantes de todos os níveis.

Mesmo assim, não tem sido trivial trazer jovens para o cooperativismo. Aliás, em muitos casos, lideranças consolidadas não têm interesse nisso, até com certo receio de criar novos comandantes que poderão tomar-lhes o poder. E é aqui que reside o problema: no poder. Um presidente de cooperativa tem grande importância social e política na coletividade em que se insere, especialmente as cooperativas agropecuárias localizadas em pequenas cidades do interior. Neste caso, a cooperativa é geradora de emprego e renda, recolhe impostos municipais, difunde tecnologia e se relaciona com organismos maiores, de fora, inclusive financeiros. Por isso, o líder da empresa é reverenciado pelos poderes constituídos do município e não quer abrir mão de seus pequenos privilégios. E, por conseguinte, não abre espaço para os jovens.

No entanto, uma das grandes características de uma juventude sadia é o idealismo. A vontade de ajudar a melhorar as coisas, de contribuir para construir um mundo mais justo e equilibrado, é um ponto de partida excelente para atraí-la ao cooperativismo.

É preciso mostrar aos jovens os valores implícitos na doutrina. Solidariedade, transparência, honestidade, lealdade, são todos conceitos amados por eles, e aí da mocidade se não fosse assim.

Costumo dizer que a vida é um trem no qual embarcamos quando nascemos e desembarcamos numa outra hora, inevitável. Os trilhos sobre os quais ele corre são o amor e a justiça. O combustível é a esperança. Tudo isso faz parte do ideário juvenil, de modo que o cooperativismo se encaixa como uma luva a este ideário. Mas isso tem que ser explicado com clareza. E parece que faltam, na verdade, pessoas que se dediquem a esta tarefa sublime, de ensinar a doutrina e o que ela pode proporcionar à sociedade.

Esta tarefa não é apenas de um órgão de classe, como a OCB ou as OCES. É de cada cooperativa, de cada cooperado, de cada dirigente, de cada funcionário. Não precisamos de professores, e sim de educadores.

Nunca me esqueço dos anos 90 do século passado, quando a ACI discutiu a revisão dos princípios do cooperativismo para o Congresso do seu Centenário, realizado em Manchester-Inglaterra, em 1995: durante as discussões pelo mundo todo, gravei uma posição de um velho educador latino-americano, segundo o qual deveria haver apenas 7 princípios:

- 1ª. - educação: para os cooperados
- 2ª. - educação: para os dirigentes
- 3ª. - educação: para os funcionários
- 4ª. - educação: para a mídia
- 5ª. - educação: para a sociedade
- 6ª. - educação: para a juventude
- 7ª. - educação: para os governantes

Só assim o cooperativismo floresceria na dimensão necessária. E de todos os 7, o mais importante é o sexto: educar a juventude. Porque desta forma o movimento será eterno, para o bem da humanidade.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**